
SOL E LUA: Dois lados de um mesmo universo

Graciela Ormezzano
Maria Goreti Baptista Betencourt^(*)

RESUMO

O estudo foi realizado com um grupo de mulheres de um Caps II, do grupo foram selecionadas duas participantes. O objetivo foi investigar a significação das oficinas de educação estética realizadas em oito encontros com usuárias do centro. Utilizou-se o método clínico-qualitativo, que se caracteriza pelo interesse nas significações dos fenômenos de saúde-doença no ambiente natural do sujeito. A trajetória do texto aborda a descrição do fenômeno conforme se mostrou ao longo das oficinas, somado àquilo que foi percebido pelas pesquisadoras e as usuárias que formavam o grupo. Foram utilizados apenas os encontros em que ambas estavam presentes, não havendo uma intenção de compará-las, mas de compreender duas fases do processo educativo estético com atividades arteterapêuticas.

Palavras-chave: Educação estética; arteterapia; saúde mental.

A função do Centro de Atenção Psicossocial (Caps) é prestar um serviço de saúde mental pública que se constitui como lugar de referência para o acompanhamento clínico, o acesso à educação através de uma experiência formativa estética e ao fortalecimento dos laços comunitários, o resgate da cidadania e dos direitos humanos.

No intuito de contribuir com essa experiência estética, organizamos a oficina, ao longo de oito encontros semanais, com um trabalho de grupo focado em atividades arteterapêuticas que incluam o desenho, a colagem e a pintura. Justificamos a utilização da educação estética com essas usuárias porque o conteúdo das imagens, ao serem verbalizadas, passa da esfera do visual ao auditivo, o que determina diálogos entre consciente e inconsciente. Neste método é necessário que seja utilizada uma abordagem interdisciplinar, com a participação de arteterapeuta, psicólogo e psiquiatra. “O objetivo do método é em primeiro lugar terapêutico e, em segundo lugar, ele fornece um rico material empírico”. (JUNG, 2000, p. 190).

^(*) *Graciela Ormezzano*. Professora de Escultura pela Escuela Nacional de Bellas Artes Prilidiano Pueyrredón, Buenos Aires, Argentina; licenciada em Educação Artística, habilitação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; especialista em Educação Estética e em Educação e Saúde pela Universidade Candido Mendes, RJ; Mestre e doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pós-doutorado na Universidad Complutense de Madrid. Docente e pesquisadora do curso de Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, coordenadora do curso de especialização em Educação Estética da Universidade de Passo Fundo.

Maria Betencourt. Psicóloga e bacharel em Desenho e Plástica pela Universidade de Passo Fundo; especialista em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo; especialista em Psicologia da Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora da Faculdade de Artes e Comunicação e do curso de Especialização em Educação Estética da Universidade de Passo Fundo.

O nosso objetivo foi investigar a significação das oficinas de educação estética realizadas num Caps II, localizado em cidade do norte do Rio Grande do Sul, com usuárias que possuíam diversos tipos de sofrimento psíquico. Nesse centro foi elaborado um plano terapêutico, ou seja, um plano de tratamento feito pela equipe técnica especialmente para cada pessoa. Nesse plano encontram-se as atividades de educação estética, das quais as usuárias participaram de forma grupal.

O grupo estava composto por oito mulheres, que apresentavam diferentes diagnósticos psiquiátricos e possuíam os critérios para frequentar o centro. Duas das usuárias foram as selecionadas para este estudo, por serem as únicas que apresentavam a mesma sintomatologia, que as caracterizava como esquizofrênicas do tipo paranoide e estavam recebendo o tratamento medicamentoso e psicoterapêutico.

Uma delas, à qual chamaremos de Lua, de 29 anos, estava no programa havia poucos meses, mas a patologia havia iniciado quando adolescente. A outra, a quem chamaremos de Sol, tem 35 anos e frequentava o Caps desde a adolescência, quando iniciaram os sintomas. De acordo com Beaini (1994):

Sol e Lua, visível e invisível, manifesto e oculto designam, assim, a constutividade de uma realidade que se efetua sempre enquanto transição de um estado ao seu complemento inseparável, no seio da irredutibilidade que comanda o destino do existir. (p. 327).

Lua tem uma personalidade mais introvertida, com bom desenvolvimento cognitivo e intuitivo. Por ser mais reservada, contudo brilhante, recebeu esse codinome. A escolha do pseudônimo Sol se deve ao fato de ser uma pessoa exuberante, sensível, muito falante e, em alguns momentos, apresentar aspectos megalomaniacos. Ambas, embora tenham diagnóstico semelhante, apresentam variações comportamentais, o que é muito comum para esse tipo de patologia, ou seja, embora haja semelhança clínica de sintomas, há variações particulares de pessoa para pessoa.

Lua mostra uma consciência bem mais objetiva sobre a enfermidade e tem um sofrimento verdadeiramente visível. Veio para as oficinas com humor deprimido (muito em razão dos medicamentos que estava utilizando), mas especialmente por sentir que sua doença a incapacita para a produção, seja na construção de uma família, seja na apropriação de sua capacidade de trabalho.

Sol não apresenta esse tipo de humor, pelo contrário, sempre muito falante, em momentos até verborrágica e intensa, também fala sobre o distúrbio, mas um pouco distanciada, como se estivesse relatando a história de outra pessoa. Apesar de estar no programa há muitos anos,

beneficiando-se do tratamento medicamentoso e de outras atividades ou oficinas, não apresentava aderência a outros tipos de tratamento além do psiquiátrico. Consideramos relevante o fato de ser uma das participantes mais assíduas e que oferecia boa contribuição ao grupo formado para essa oficina em especial.

Sobre as famílias de ambas é interessante destacar que há certa negligência por parte dos componentes do grupo familiar. Lua tem pai, mãe e irmãos. O pai não aparece no Caps e pouco se sabe sobre ele; a mãe participa esporadicamente, quando chamada, porém mostra um distanciamento tanto da filha quanto da problemática da doença em si. Ela própria apresenta algumas incoerências comportamentais, que chamaram a atenção da equipe técnica. Num momento específico do trabalho, Lua manifesta um grande desejo de morar na rua. Essa fala tem, no mínimo, duas origens: uma, do próprio distúrbio, visto que em muitos casos o paciente deseja morar em outro lugar ou viajar para longe; outra que se relaciona diretamente com a família que não a acolhe. Relata que as pessoas que são veiculadas pela televisão falam com ela dizendo o que deve fazer ou dando diagnósticos sobre supostas doenças graves a serem tratadas com urgência. Isso posto, percebemos que Lua, além dos sintomas próprios, precisa lidar com outros aspectos complexos da dinâmica familiar, o que de certa forma explica o humor deprimido, havendo realizado várias tentativas de suicídio.

Entretanto, Sol sente uma mistura de tristeza e remorso quando se lembra dos pais já falecidos; não fala de maneira depressiva sobre isso, mas se aflige quando lembra que, em razão da doença, falava de modo muito agressivo, inclusive insultando os pais que tanto amava. Na história clínica de Sol aparecem tentativas estranhas de suicídio; por exemplo, tomou um vidro de fortificante. Relata que via o pai crescer de tamanho e que ouve vozes xingando-a. Também comentou que fez vestibular, passou, mas não consegue se matricular no curso por problemas econômicos; porém, pretende dar continuidade ao seu sonho. Atualmente, mora nos fundos da casa da irmã, que, por sua vez, se sente sobrecarregada com esse encargo, além de seus próprios problemas de saúde e familiares. Essa irmã também mostra aspectos depressivos bem evidenciados.

A esquizofrenia é uma doença que atinge um grupo de, pelo menos, 1% da população mundial e que, geralmente, apresenta seus sinais antes dos 25 anos de idade, persistindo pelo resto da vida. A Organização Mundial da Saúde, sobre o impacto mundial da doença, apresenta uma taxa de prevalência de 0,92% para homens e 0,9% para mulheres. Taxas de prevalência mais elevadas também têm sido relatadas em estudos realizados no Brasil (MARI; LEITÃO, 2000).

A doença pode englobar vários outros distúrbios que, no relativo ao comportamento, podem apresentar similaridades. O que se tem atualmente é um conjunto de sintomas que podem estar

ligados a diferentes componentes psicológicos e psiquiátricos e que contribuem para as diferentes manifestações desse distúrbio mental, que, afinal, pode não ser somente um, mas vários. Utilizamos, neste caso, o diagnóstico realizado pela médica psiquiatra responsável pelo Caps que as participantes da pesquisa frequentavam. Para nosso estudo utilizaremos a definição de Jung sobre a esquizofrenia: “[...] é em essência uma fragmentação da personalidade”. (2000, p. 166).

As oficinas foram registradas num diário de campo e utilizamos a leitura transtextual singular, proposta por Ormezzano (2009), que considera os aspectos compositivos da linguagem visual, a simbologia espacial, a simbologia das cores, as referências do imaginário e, finalmente, a síntese da imagem. Todos os procedimentos éticos foram atendidos e as usuárias são denominadas com pseudônimos para manter em sigilo suas identidades.

A trajetória do texto abordará a descrição do fenômeno conforme se mostrou ao longo das oficinas, somado àquilo que foi percebido por nós e pelas usuárias que formavam o grupo. Para este estudo foram utilizados apenas os encontros em que ambas estavam presentes, não havendo uma intenção de comparar uma com a outra, mas de compreender duas fases do processo educativo estético com atividades arteterapêuticas, contemplando não só a patologia, mas também, seus aspectos sadios.

MÚSICA E LEMBRANÇAS

Iniciaremos pelo segundo encontro realizado com todo o grupo porque no primeiro não estavam presentes Sol e Lua. Nesse dia foi feita a audição de uma peça de Mozart, o *Allegro Moderato do Concerto de Trompete*. Depois lhes oferecemos cartolinas brancas e giz de cera. Todas realizaram os desenhos que a música lhes sugeria, tentando, ao mesmo tempo, lembrar algo importante do passado. Lua perguntou: “algo bom ou ruim?” Então, dizíamos que podia ser qualquer uma das duas opções. Ao concluir o desenho, cada uma falou sobre o significado das imagens para si.

Lua desenhou uma boneca cor-de-rosa sobre uma casa azul. A boneca era maior que a casa, mostrando a importância desse brinquedo para ela, tanto na infância como agora. A mãe de Lua confeccionou essa boneca de pano, que os irmãos jogaram em cima da casa. Então, ela ficou triste porque não conseguiu recuperá-la. Disse que o trabalho lhe trouxe alegria, por se lembrar da boneca, e tristeza, por sentir sua perda.

A seguir perguntamos: “o que vocês gostariam de acrescentar ao desenho?” Em resposta, a usuária, com um sorriso nos lábios, disse: “uma escada”. Prontamente, através do desenho ela consegue imaginar a sua boneca de volta e parece satisfeita com o acontecido.

Esse trabalho mostra uma construção cognitiva importante no momento em que Lua, rapidamente, agrega o seu pensamento não apenas à lembrança de um momento significativo de sua vida, como também estrutura uma saída viável para a recuperação do que foi perdido, por meio da escada.

A boneca de pano fabricada pela mãe pode indicar um vínculo afetivo nas lembranças de Lua, uma vez que a mãe mostra ser uma pessoa distanciada da filha e muito mais envolvida com suas necessidades particulares. Entretanto, o que foi construído pelas mãos da mãe, com retalhos escolhidos especialmente para isso, pode demonstrar um cuidado particular da genitora, que fez algo para Lua, não comprado, mas elaborado artesanalmente. Percebemos que essa lembrança é muito significativa, porque retrata um vínculo afetivo mãe-filha que contrasta com a realidade presente, em que o distanciamento da mãe é visível.

Ao mesmo tempo, Lua constrói a lembrança dos irmãos jogando a boneca sobre a casa. De certa forma, há uma percepção da diferença que existe entre ela e os irmãos. Lua não identifica os responsáveis, o que pode significar que todos jogaram a boneca no telhado, ou seja, os irmãos estão num lado e ela noutro. Mas que lados são esses? O saudável e o doentio? O lado de quem pode ter acesso a determinadas coisas e o da impossibilitada às coisas importantes da vida, como ter filhos, por exemplo? Neste sentido, podemos inferir que, se a boneca pode fazer parte da construção de uma subjetividade feminina, revelando o significado de maternagem e cuidado, não é a toa que Lua tem uma recorrência na fala quando refere seu desejo de ter família e filhos. Este, aliás, é um dado importante que demonstra a percepção de Lua com relação a sua dificuldade, a qual sofre porque sabe que a doença em si, em parte, a incapacita na formação de uma família própria.

Por um lado, no desenho, a figura da boneca está desproporcionada e muito maior que o tamanho da casa. Cordeiro (2009) fala que a boneca pode simbolizar a intuição feminina, legado transferido de mulher para mulher através de gerações, indicando que, talvez, Lua esteja começando a prestar mais atenção a sua voz interior do que as outras vozes que a perturbam.

Por outro, a casa emerge na obra de Bachelard (2000) com o significado de proteção, de imagem do universo, do ser interior; seus andares, porão e sótão simbolizam diversos estados da alma. A casa é também símbolo do feminino, com o sentido de refugio de mãe, de seio maternal. Essa casa, símbolo do interior e da feminilidade, está muito reduzida ao aspecto infantil e frágil que

expressa a boneca. O fato de a boneca ser muito maior do que a casa e estar sobre o telhado pode ter um significado na vida de Lua, não apenas relacionado com a doença, mas, sobretudo, quanto essa enfermidade a coloca num estado perceptivo de dor.

O fazer imaginativo de buscar uma escada para alcançar o objeto perdido, posto fora de seu alcance pelos irmãos, não deixa de ser uma saída saudável porque demonstra uma vitalidade e uma alternativa de recuperação. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2002), a escadaria simboliza a progressão para o saber, a ascensão para o conhecimento e a transfiguração. A capacidade de criar possibilidades de resgate desses aspectos doloridos da vida mostra o desejo de atingir a saúde, seja na projeção mental da escada para cima, obtendo o objeto perdido, ou para baixo, retornando à realidade, mas de qualquer modo como um caminho de quem quer se ajudar.

Sol começa desenhando as ondas do rádio com duas claves de sol e um violino. Ela disse que é um violão e que a música lembra romantismo. Por cima das ondas, um casal aparece no ponto que, de acordo com a simbologia espacial referida por Zimmermann (1992), indica o passado, a emoção, a realidade interior. Deduzimos que essas figuras podem ser seus pais, porque ela comentou que fica triste ao lembrar que os insultava.

Conversando com o grupo, vai acrescentando outras figuras, todas soltas, como um sol forte, vermelho, irradiando luz e calor; três corações e mais um flechado, mas logo diz que não está namorando. Na margem superior da folha desenha um pássaro, que identifica como uma pomba; sete estrelas, sendo seis de um formato e uma de outro; um rosto emerge quase apagado em amarelo por debaixo da pomba. Após comentários das integrantes do grupo, fala que se remeteu a um momento da vida em que não conseguia se olhar no espelho. Esta diversidade de figuras sugere sua personalidade fragmentada. Pareceu-nos estar muito ligada em si mesma, fala muito e ri sozinha.

No segundo momento, quando perguntamos: “o que vocês gostariam de acrescentar ao desenho?”, Sol acrescenta olhos verdes ao rosto (os dela são pretos), a boca vermelha (a dela, sem batom). O olho é um equivalente simbólico do sol. Os olhos em destaque podem estar indicando a consciência como soberana; a imagem percebida pelo olho não é virtual, mas real. Para os bambaras, o olho permite uma percepção com caráter de integralidade (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002). Assim, como Lua, pode Sol ter imaginado e criado uma possibilidade de resgate de algumas fases doloridas do passado, demonstrando uma tentativa de integrar a fragmentação. Esta imagem é reforçada pela boca entreaberta, por onde passa o sopro, símbolo da força criadora.

O cabelo foi desenhado em cinza e crespo (ela é loira de cabelos lisos). Aparentemente, não há semelhança física entre o desenho e Sol, mas o grupo pode ter associado os cabelos loiros com o

amarelo do desenho, e ela acabou aceitando que podia ser seu autorretrato. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2002), na China existe um simbolismo relacionado aos cabelos soltos e desgrehados como sinal de luto. Apesar da diferença de cor, podemos identificar essas características nos cabelos do desenho e de Sol. Nesse aspecto, podemos perceber que o sentimento de luto pela perda dos pais está ainda muito presente nela.

PERDAS E GANHOS

No encontro seguinte, retomando as lembranças de momentos importantes na vida das participantes, solicitamos que pensassem sobre o que perderam na vida e o que gostariam de recuperar. Foram oferecidas folhas coloridas de E.V.A. para fazerem uma colagem. Todas as usuárias começaram a trabalhar logo que foi feita a proposta. Ao concluir as imagens, cada uma falou sobre o significado delas para si. Cabe destacar que ambas as figuras humanas, recortadas por Lua e Sol, foram coladas de modo centralizado, produzindo uma simetria no suporte escolhido. A respeito, Arnheim (2005) afirma que é aparentemente paradoxal que se pode expressar desequilíbrio através do equilíbrio, assim como é possível mostrar desordem pela ordem ou separação pela junção.

Lua relatou: “desenhei um rapaz que eu amava muito e morreu num acidente de moto. Chamava-se João. Fiquei uma vez com ele.” Lua considera que João não gostava dela, mas enfatiza que estava muito apaixonada por ele. Esse fato aconteceu na adolescência, quando ele tinha 17 anos e ela, 18. Por sua vez, Sol comentou que perdeu o pai e depois a mãe: “tentei desenhar uma figura que significasse minha mãe.” Então, as duas tentam resgatar seus seres queridos.

Na continuação, perguntamos: “o que mais gostariam de recuperar?” Somente Lua se manifestou falando da importância do seu trabalho. Disse que trabalhara em vários lugares, mas não consegue permanecer em algum por muito tempo. Durante a semana tinha coletado papel para vender e lamentou ter conseguido somente um real. Já Sol permaneceu na ideia de recuperar os pais.



Figura 1. Fonte: Acervo das autoras.

Lua posiciona sua figura com o suporte em forma de losango. Se fosse feito com o E.V.A. na posição usual, em quadrado, a figura ficaria maior que o fundo. Além de mostrar capacidade de organizar a figura dentro da forma geométrica mais adequada, isso pode significar que tenta

também se organizar internamente. Lua produz uma composição diferenciada, criativa e original. De certa forma, o próprio contexto da doença lhe proporciona uma condição criativa favorável ao não convencional. Remetemo-nos ao aspecto simbólico e observamos que o losango é símbolo do feminino. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2002):

Numa forma muito alongada, como dois triângulos isósceles adjacentes na base, o losango significaria os contatos e os intercâmbios entre o céu e a terra, entre o mundo superior e o mundo inferior, às vezes também a união dos dois sexos. (p. 558).

Com relação ao foco do trabalho sobre perdas, Lua faz referência a uma perda afetiva, e essa fala é recorrente, de acordo com informações da equipe técnica do Caps. Isso pode significar um desejo de viver seu lado feminino no sentido amoroso e de construir família. De alguma maneira, a morte do jovem na época foi muito significativa, não se constituiu num namoro concretizado, mas a recordação de Lua remete a um amor perdido. O fato de o garoto ter morrido sem que houvesse tido tempo para que realmente efetivassem a relação pode expressar um estacionamento do afeto de Lua nessa época, como se, em razão da morte real, houvesse tido também uma morte afetiva, não havendo mais possibilidade de outro relacionamento vingar. E isso, talvez, signifique a impossibilidade de uma família construída por ela. É importante salientar que essa morte coincide com o início dos sintomas.

Sobre o tema do trabalho também pode haver alguma relação com o rapaz morto e a impossibilidade dada a ela, por ela mesma, de ser produtiva. O azul, cor escolhida para o losango, simboliza para Portal (1996) verdade e eternidade. Assim, João, amor verdadeiro e eterno perdido, era quem tornaria Lua uma pessoa engajada e produtiva, mas isso é algo que não pode ter em razão da doença, não da perda. Para o autor citado, o azul no Egito e na China é a cor da morte e da regeneração da alma. Essa dor é bem visível em Lua, deixa-a triste e introspectiva; de qualquer modo, a morte no passado está muito presente nela hoje porque representa toda uma paralisação de vida.

Quando perguntamos como se sentiram durante o trabalho, Lua não responde e Sol diz a respeito da mãe: “eu me senti como se estivesse com ela”. Queixa-se de não ter gostado como ficou o trabalho final, o aspecto estético da imagem, considerando-o muito infantil.



Figura 2. Fonte: Acervo das autoras

Esse quesito da imagem ideal é um dos principais focos de Sol, que constantemente faz referência a sua aparência física e intelectual. Fala sobre sua capacidade cognitiva quando diz que estudou e passou em dois vestibulares, mas não cursou a faculdade por questões financeiras. Na realidade, é uma pessoa que tem boa capacidade de expressão verbal. Contudo, reforça sua

preocupação em fazer algo esteticamente aceito como belo e se queixa com certa infantilidade para receber elogios. Enfatiza que o que fez não ficou bom e que poderia ter ficado melhor e solicita-nos uma avaliação. Sol busca contínuo reforço positivo. Entretanto, por informes da equipe do centro, sabemos que em diferentes ocasiões de confraternização oferecidas pelo Caps não busca se entrosar, não porque seja tímida ou se sinta inferiorizada, pelo contrário, parece que ninguém está a sua altura.

A cor escolhida para a silhueta expressa, para Portal (1996), o símbolo da reprovação, da tristeza e de todos os males da humanidade. A lembrança da mãe na colagem refere a ausência sofrida e constante dos pais, sobretudo da figura materna. Quando isso acontece, ao emergir uma lembrança boa deles, sobrevém a culpa por em muitas ocasiões tê-los insultado ao confundi-los com as vozes que está sempre escutando.

Manchas de tinta

O encontro que se seguiu deu-se num dia de muito calor e bastante abafado. Sol se queixou de dor nas pernas, câimbras, sono e pouco ânimo. Lua trouxe um desejo muito grande de morar na rua, de se sentir em liberdade, e conta alguns problemas de convívio com a família que a fazem pensar em sair de casa. Chegou a planejar, inclusive, o que poderia vir a fazer para enfrentar supostos perigos que poderia encontrar na rua. Ela também comentou que viu uma mulher com dois sacos, tirando coisas de um e colocando noutra, e que os membros de sua família afirmam que essa mulher está morta.

Na tentativa de ajudar a diminuir as angústias que vivenciavam, partimos de um pingo de tinta nanquim preta e pedimos que imaginassem que ele poderia expressar algo que as incomodava. Desse modo, soprando a tinta da gota pesada e grossa inicial, com um canudinho sobre papel couché, iriam diluindo-a até desmanchá-la em finas linhas. Depois, solicitamos que falassem sobre o significado dessas manchas. Ao concluir os depoimentos, passamos para a segunda fase do trabalho, que foi tentar colorir as imagens para transformar esse sentimento desagradável expresso em preto, utilizando tinta de artesanato de diversas cores. Finalizamos com a verbalização dos novos sentimentos que a mancha colorida produziu.

A forma criada por Lua tinha três significados iniciais: grilo, lagartixa e raiz de árvore. Ela comentou: “esses bichos são sinal de sorte e nenhuma árvore vive sem raiz”. Chama nossa atenção que a mancha de tinta preta, que de alguma maneira deveria representar coisas ruins, expressava coisas boas. Ela se identificou com a carência dessas formas: sentia-se



Figura 3. Fonte: Acervo das autoras

“uma árvore sem raiz” porque, apesar de morar com a família, não podia ter um lar próprio ou formar uma nova família. A falta de produtividade no trabalho e a carência de filhos continuavam a preocupá-la bastante. Lua possui uma linguagem muito clara, conota ser uma pessoa com boa capacidade intelectual.

O grilo, em seu significado amplo, representa o triplo símbolo da vida, da morte e da ressurreição (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2002). Isso nos permite perceber que existe um grande desejo de transformação e que as limitações impostas pela doença e pela negligência familiar, muito embora a façam sofrer, possibilitam a Lua elaborar positivamente esses sentimentos. Assim, formas que deveriam representar coisas ruins mostram aspectos bons, pois oferecem espaços para a criatividade. A lagartixa, o grilo sob a forma de larva e a raiz são três símbolos telúricos; portanto, mais uma vez, os símbolos de Lua remetem ao princípio passivo, ao feminino.

A raiz, evidentemente, é a base de uma planta, proporcionando-lhe alimento e vida. De uma perspectiva metafórica, pode significar apego ou necessidade de estar em algum lugar fixo. Fincar raízes é o mesmo que permanecer ou estabelecer-se. Então, ao mesmo tempo em que Lua verbaliza um desejo de morar na rua “sem raízes”, a mancha mostra seu desejo real de ter raízes, de pertencimento a um lugar ou alguém. Essa dicotomia na vida de Lua nos mostra o real sofrimento desta mulher. Por um lado, ela deseja um lar, um amor, filhos, trabalho, tudo o que significa enraizar-se; por outro, a fala melancólica sustenta que não tem raízes, não podendo se firmar no afeto nem na produtividade de um serviço. O processo transformador da imagem leva Lua a elaborar uma nova forma, que para ela significa uma formiga, que, além de ser um inseto muito laborioso, implica uma vida organizada em sociedade.

Sol comentou que a mancha preta parecia “um dinossauro ou um animal diferente, um problema que foi se estourando”. E acrescenta: “botei para fora o que passou”. Transformou o dinossauro num animal menor, num “cavalinho”. Ela gosta de cavalos, que têm pelego. Não podemos deixar de mencionar a presença do cavalo na mitologia grega no seu aspecto solar, sendo animal escolhido por Sol.



Figura 4. Fonte: Acervo das autoras.

Sol expõe sua forte personalidade na leitura desta mancha. Primeiro foi um dinossauro, animal pré-histórico, enorme e, em alguns casos, violento e monstruoso, contudo animal extinto, apesar de sua enormidade. O dinossauro se transformou num cavalinho, animal diminuto, porém suficientemente resistente, uma vez que não se extinguiu, sendo, ao mesmo tempo, dócil, doméstico e nada assustador.

O cavalo tem significado arrojado, no qual se juntam os aspectos arquetípicos de morte e vida, destruidor e triunfador; é também associado ao psiquismo inconsciente. Assim, não se pode desconsiderar que o dinossauro de Sol tenha se transformado em cavalo, permitindo que aspectos primitivos da besta pré-histórica sobrevivam no animal que conhecemos atualmente. Sol também demonstra que tem uma impetuosidade interior e, às vezes, violenta, quando ouve vozes que a xingam, às quais ela revida também agressivamente. Jung expõe que, quando “uma mulher é subjugada pelo inconsciente, emerge o lado mais escuro de sua natureza feminina, ligado a traços fortemente masculinos”. (2000, p. 241).

O cavalinho tem pelego cor-de-rosa, ou seja, um anteparo peludo, normalmente feito com couro de ovelha, para amenizar o atrito entre o corpo do cavaleiro e do cavalo. Apesar de tudo, ela também pode ser como o pelego, confortável, aconchegante, meiga e suave. Então, podemos inferir que ela é “montada”, perdendo sua posição dominante. Pôr o monstro no passado sugere que Sol deseja e consegue controlar seu lado obscuro, permitindo à fêmea aparecer.

Sobre os monstros

No quinto encontro Lua contou que acontecera um fato engraçado, pois pegara um vidro de remédio e o colocara na bolsa, depois o procurara, mas não o achara, embora estivesse lá. Ela não se lembrava que tinha feito isso, apresenta lapsos de memória, esquecendo-se do que faz. Como no encontro anterior haviam surgido muitos medos, resolvemos utilizar folhas de várias cores. A proposta foi escolher a cor e a forma dos monstros pessoais. Chevalier e Gheerbrant escrevem (2002): “o monstro está presente para provocar ao esforço, à dominação do medo, ao heroísmo. Ele intervém nesse sentido em diversos ritos iniciáticos”. (p. 615).

Essa figura imaginária foi recortada com a mão pelas nossas heroínas. Cada uma falou do monstro que tinha criado e expressou seus medos. Logo os monstros de papel foram simbolicamente vencidos, utilizando um ritual de iniciação em que o monstro era triturado em pequenos pedaços, até ser transformado numa nova imagem.

O monstro de Lua era de cor verde-água, simbolizando o medo da morte. Ela disse: “a morte não é bonita, mas pode ser clara”. Depois, tentou fazer uma flor e, por último, associou a imagem a um coqueiro, “porque o coco tem água e a água é vida”.

Lua mostra em todos os encontros uma construção afetiva importante tentando se constituir integralmente. Tânatos é transformado em Eros, morte em vida, mesmo porque morrer, metaforicamente, pode significar uma transformação em algo melhor, como uma larva que se metamor-

foseia em borboleta. Novamente emerge a vitalidade já manifesta na cor (verde), identificada na árvore (coqueiro) e no coco (água), todos significados de vida.

Sol tem medo do escuro. Conta que quando apaga a luz se atemoriza porque enxerga pernas no espelho do quarto. Então, seu monstro tem forma de homem, que transformou em quatro cravos violetas, sendo essa cor símbolo de transmutação.

O escuro é arquetípico, nele estão todos nossos monstros e pragas e também nosso lado escuro, aquele que não queremos que emerja. Ter medo do escuro é algo próprio da criança, cujo domínio de estado mental é frágil; nessa fase a imaginação flui livremente. O espelho que reflete o monstro de Sol pode ser seu duplo invertido, seu outro lado idêntico, porém ao contrário. Isso, sem dúvida, é assustador porque fica fora de controle. A esquizofrenia também não tem controle, as vozes controlam a pessoa; não existem na realidade, mas na virtualidade da doença aparecem como reais e condutoras.

O monstro, para Sol, tem forma masculina. Como Lua, ela também tem desejos de fêmea, porém tem receio do contato e do confronto com o que representa o macho. Talvez por esse motivo o monstro tenha forma masculina, seja assustador e incontrolável. A transformação do monstro masculino do espelho em cravo é muito positiva, uma vez que o cravo é companheiro da rosa. No cancionário popular infantil esse registro deixa uma memória bem definida. “O cravo brigou com a rosa embaixo de uma sacada, o cravo saiu ferido e a rosa despedaçada”.

Lua e Sol transformaram seus monstros em símbolos vegetais que conduzem à ideia abstrata de círculo; a corola da flor e a copa da palmeira são circulares. Por causa do aspecto inconsciente, o *self* se encontra distante da consciência e, assim como pode ser expresso por formas humanas, precisa também de símbolos abstratos. De acordo com Jung (2000): “o alcance indefinido da parte inconsciente torna portanto impossível uma apreensão e descrição completas da personalidade humana. Conseqüentemente, o inconsciente complementa o quadro com figuras vivas, que vão do animal até a divindade [...]”. (p. 188). Assim, o extremo animal, o monstro, pode ser complementado pelo vegetal e pelo abstrato inorgânico, criando um microcosmo mais organizado.

O espelho e eu

No sexto encontro solicitamos que pintassem uma silhueta feminina e, no sétimo, que, se a imagem fosse um autorretrato, expressassem como se sentiam e onde estavam acrescentando uma cena à figura para integrá-la na narrativa. Concordamos com Diéguez (2006) quando escreve:

Existe uma memória dos corpos que é sensorial, ativa, presente, e que os configura como corpos viventes para além da pele, que os joga à vida fora dos parâmetros reais do espaço articulando-os no revés do movimento. (p. 70).

Lua desenhou uma figura feminina com uma cabeça enorme e um corpo pequeno porque espremeu o corpo para que pudesse entrar na folha. O significado que verbalizou foi: “devo ser um pouco inteligente porque a cabeça é maior que o corpo”. Sobre o cenário em que estava sua imagem disse: “no deserto, um vazio, não tem nada, nem ninguém”. A respeito de como se sentira durante a sessão, falou: “a gente esquece o que tem lá fora”.

Essa fala de Lua a respeito de se ver inteligente foi expressa pela cabeça de grande tamanho. Realmente, ela é uma pessoa com grandes condições cognitivas, razão, aliás, que a deixa em sofrimento psíquico maior, porque se vê limitada não por incapacidade, mas pela doença em si. A dor é reforçada pelo cenário onde ela está imersa num deserto, sem mais nada nem ninguém. O sentimento é de desolação. Ela sabe de suas condições intelectuais, porém essas ficam limitadas e represadas pela dificuldade química do seu cérebro. Achterberg (1996) afirma que

[...] a química do sangue e a hematologia são estatisticamente correlatas ao funcionamento psicológico, e acredita-se que sejam fatores significativos em distúrbios mentais como depressão profunda, ansiedade e depressão maníaca, além da esquizofrenia. p. 138).

Sol desenha uma silhueta cor de laranja sobre um fundo azul-claro. A figura feminina não tem cabeça e os pés estão ocultos ou cortados. Fez um comentário de que não gostara do trabalho, porque a cabeça não tinha entrado na folha, e achara engraçado ter se pintado nua. Após o comentário de Lua sobre o significado da cabeça grande como sinônimo de inteligência, ela riu e disse: “Então, eu sou burra porque me desenhei sem cabeça”. Retomou uma fala anterior sobre um namoro aos 16 anos e comentou a respeito do local e de como se sentia: “Eu só me desenhei onde estou aqui e agora, na oficina e no Caps. A gente pintando vai se aliviando, vou tirando o que é de mim, amargo.”

O comentário de Sol com relação às palavras de Lua pode indicar que está mais na função intuitiva do que na sensação, mostrando pouca visualidade, e o fato de fazer-se sem cabeça sugere que sua grande potencialidade está no corpo, na função sentimento em lugar de pensamento como sua colega. Muito embora Sol referisse repetidamente ter dois vestibulares aprovados, mas que não frequenta o curso por dificuldade financeira, pode estar expressando um grande esforço para mostrar que é inteligente ou até superior à maioria dos usuários do serviço.

Sua expressão artística divulga mais o emocional do que o intelectual. Nesse trabalho em especial, isso se evidencia quando se pinta nua. Por uma parte, remete à própria sensualidade e, por outra, esse desnudamento pode exprimir o despojamento e a espontaneidade da inocência infantil. Ambas as características marcam Sol.

Na sessão seguinte, sugerimos dar continuidade ao encontro anterior, já que elas tinham produzido uma pintura expressando como se viam e sentiam. Para isso, distribuímos bonecas impressas para que servissem de manequim, cola, papel crepom e outros papéis coloridos, purpurina e ornamentos para colagem. Assim, poderiam vestir as bonecas conforme elas gostariam de se ver.

Lua vestiu-se de modo mais simples, com blusa rosa escura e saia rosa clara transparente, sem ornamentos, sem contraste, pouca expressão, bem mais simples do que as outras usuárias. A transparência da saia reflete o desejo de se refazer como mulher. A saia cobre sem ocultar completamente os quadris e a genitália. Essa transparência também pode ser espelho da esquizofrenia, que traz à tona o que deveria ficar coberto. O despojamento com que Lua vestiu seu manequim mostrou evidências que já apareciam antes de uma depressão evidente.

O resto do trabalho, pobre de enfeites, é algo que nos chamou a atenção por expor a luta interna de Lua para transformar a doença em saúde. No entanto, como o processo é lento e difícil, em muitos momentos o desânimo impera e chega a se converter num sentimento de desistência e derrota, como quando ela refere que quer morar na rua, ou que não poderá nunca ter filhos ou permanecer num emprego.

Sol reclamou que não fez direito e optou, como Lua, por uma blusa rosa escura e saia preta; colocou brilho no cabelo, na cintura e nos sapatos. Roupas simples, feminina, mas com cintura estreita e quadris sensuais. A consciência de certas limitações não preocupa Sol. Na realidade, o fato de estar há vinte anos frequentando o Caps só comprova que de alguma forma o serviço oferece-lhe um suporte que é importante para ela. Ali é vista como uma pessoa articulada, que aparece bastante e em várias circunstâncias é chamada para representar o grupo. Isso faz com que se sintam especial, o sol que almeja. Então, em todas as oficinas há um conteúdo megalomaniaco e até pretensioso, mas que a deixa tranquila e participante.

A imagem indica, mais uma vez, a vaidade e a exigência dela mesma em fazer o certo ou o mais bonito. Em todos os encontros Sol perguntava se estava bom seu trabalho. Essa necessidade de ser reforçada positivamente, como as crianças, nos remete às inconstâncias de Sol, ao mesmo tempo menina-mulher.

Tanto Lua quanto Sol optaram por uma blusa da mesma cor, o rosa, que simboliza, pela mistura entre vermelho e branco, amor à sabedoria e iniciação no amor (PORTAL, 1996). Conhecimento e amor, duas questões que estão sempre presentes nas imagens e nos significados que as usuárias lhes atribuíam pela verbalização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que nos chama a atenção ao longo do estudo é que Lua e Sol, mesmo com o sofrimento típico que o distúrbio mental traz para a vida da pessoa, mostraram muitos sinais de saúde e de vida que merecem ser valorizados. É com esse intuito que foram oferecidas as oficinas, não para trabalhar ou usar o tempo como alternativa de ocupação terapêutica, mas, sobretudo, para se perceberem aspectos positivos, educativos e saudáveis dessas usuárias.

Assim, em cada atividade foi possível observar que existem muitos aspectos extremamente dinâmicos nas personalidades dessas mulheres que possibilitariam, talvez, se criarem diferentes mecanismos de tratamento para a esquizofrenia paranoide, que não incluam apenas os tradicionais métodos medicamentosos ou psicoterapêuticos. Sabemos que a arteterapia é utilizada em muitos países da Europa e nos Estados Unidos, mas ainda se exige um longo trajeto para ser completamente aceita e devidamente respeitada nos centros de saúde brasileiros.

Para finalizar, gostaríamos de dizer que o ato criador não consiste somente em construir significados, senão em deixar uma pegada, uma presença profunda, um elo com nossa interioridade. A criação artística pela via terapêutica facilita um projeto de transformação do *self* e um modo de explorar os mistérios da humanidade. Ainda, salientamos que durante as atividades percebemos que a experiência formativa estética contribuiu com o fortalecimento dos laços grupais, assim como, houve alguns momentos em que foi possível realizar discussões sobre o papel das usuárias como cidadãs, o direito ao trabalho digno e o respeito à diversidade entre todos os seres humanos que formamos a sociedade.

REFERÊNCIAS

- ACHTERBERG, J. *A imaginação na cura: xamanismo e medicina moderna*. São Paulo: Summus, 1996.
- ARNHEIM, R. *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BEAINI, T. C. *Máscaras do tempo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- CORDEIRO, L. Arteterapia: encontro com os potenciais internos num grupo de mulheres. In: ORMEZZANO, G. (Org.). *Questões de arteterapia*. 3. ed. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2009. p. 166-184.
- DIÉGUEZ, M. R. Formas para el silencio. *Arteterapia: papeles de arteterapia y educación artística para la inclusión social*. Madrid, 2006. p. 69-74. v. 1, n. 1.
- JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- MARI, J. J.; LEITÃO, R. J. A epidemiologia da esquizofrenia [versão eletrônica]. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, n. 22, p.15-17, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v22s1/a06v22s1.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2011.
- ORMEZZANO, G. *Educação estética, imaginário e arteterapia*. Rio de Janeiro: Wak, 2009.
- PORTAL, F. *El simbolismo de los colores: en la Antigüedad, la Edad Media y los tiempos modernos*. Palma de Mallorca: Sophia Perennis, 1996.
- ZIMMERMANN, E. B. *Integração de processos interiores no desenvolvimento da personalidade*. Campinas: Unicamp, 1992. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, 1992.

SUN AND MOON: TWO SIDES OF THE SAME UNIVERSE

ABSTRACT

The study was conducted with a group of women from a Caps II and it was selected two participants. The aim was to investigate the significance of aesthetic education workshops held in eight meetings with center clients. We used the clinical-qualitative method, which is characterized by interest in the meanings of health and disease phenomena in the natural environment of the subject. The trajectory of the text deals with the description of the phenomenon as it showed during the workshops, added to what was perceived by the researchers and users who formed the group. We used only those meetings where both were present, there is no intention to compare them, but to understand two phases of this educational process with aesthetic art therapy activities.

Keywords: Aesthetic education, art therapy, mental health.

*Recebido em outubro de 2011
Aprovado em novembro de 2011*